



MULHERES CANDIDATAS A VEREADORA EM UMUARAMA-PR NAS ELEIÇÕES DE 2016: EXPECTATIVAS E PERSPECTIVAS DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NA POLÍTICA

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3926

Rafael Egídio Leal e Silva, IFPR
Thais Martini Almeida, IFPR

Resumo

Este texto tem por objetivo investigar a percepção das candidatas a vereadora acerca da participação feminina na política local, aproveitando o pleito de 2016. Questionamos a importância da participação das mulheres em cargos políticos em Umuarama-PR, e quais são os fatores que influenciam para a pouca participação das mesmas nos cargos, a partir da análise da fala das candidatas. Observa-se que a participação feminina ainda é muito inferior ao número de homens no poder. No tocante ao pleito eleitoral de 2016, Umuarama contou com 77.467 eleitores, sendo que deste total são aproximadamente 47% de homens, e 53% de mulheres. Em relação aos vereadores, foram 121 candidatas disputando 10 vagas na Câmara local, sendo 39 mulheres. A metodologia do projeto realizou a entrevista das candidatas a respeito de sua percepção acerca da expectativa e perspectiva da participação da mulher local. Do total de candidatas, obteve-se o retorno de 11 entrevistas. Além da análise dos dados obtidos, e as entrevistas com as candidatas, o trabalho visa contribuir com a investigação do histórico da participação feminina na Câmara de vereadores local. Observando tamanha desigualdade entre homens e mulheres na política, e considerando a grande participação masculina, nota-se que esta situação apenas é um retrato da nossa sociedade, e percebe-se que a questão de gênero pode influenciar na participação das mulheres em cargos representativos, sendo o sexo feminino como o menos valorizado.

Palavras Chave:

Eleições; Umuarama;
mulher; política; gênero.

Introdução/Justificativa

Podemos notar que há um discurso que chama a atenção para a necessidade da maior participação da mulher na política, mas também não podemos deixar de considerar as barreiras sociais invisíveis que dificultam que a mulher se torne efetivamente uma agente política em igualdade de condições com os candidatos nas disputas eleitorais. Assim sendo, como a mulher percebe tal diferença, especialmente a candidata a um cargo local em um contexto local e interiorano? A candidata é também um agente de denúncia acerca do domínio masculino local? Tais questões estão postas neste trabalho, que tem como finalidade também de dar voz para as estas mulheres. Questionamos a importância da participação das mulheres em cargos políticos em Umuarama-PR, e quais são os fatores que influenciam para a pouca participação das mesmas nos cargos, a partir da análise da fala das candidatas.

Investigar a mulher candidata a vereadora, em suas perspectivas e expectativas tem sua importância por colocar a situação da participação da mulher na política em sua realidade, especialmente a realidade local e interiorana. Afinal, se por um lado há tanto campanhas midiáticas que tratam da valorização da mulher na política, quanto a cota partidária de participação da mulher a qual falaremos abaixo, por outro lado, devemos investigar a percepção da mulher que se dispõe à candidatura de um cargo relevante no município, e, além da busca de votos, deve superar a invariável circunstância de ser mulher em contextos ainda predominantemente masculinos, como a política local. A cidade de Umuarama é também interessante em relação à perspectiva da pesquisa da relação gênero e política. Localizada no extremo noroeste do Estado do Paraná, é uma cidade de médio porte com população estimada em 109.132 habitantes, tendo sido elevada à condição de município em 1960. Distante 580

quilômetros da capital Curitiba, e a cerca de 100 quilômetros do Paraguai, trata-se, portanto, de uma cidade da região de fronteira do Estado brasileiro. Importante cidade regional, sendo inclusive a sede de Região Metropolitana (a quarta estabelecida no Paraná).

Assim sendo, na primeira parte deste artigo trataremos da relação da mulher e a política e também da situação do pleito eleitoral em Umuarama de 2016. Na sequência, apresentaremos a pesquisa realizada com as candidatas ao cargo de vereadora, bem como o resultado de suas entrevistas.

A diferença entre os gêneros ocorre não apenas no trabalho ou nas questões culturais, mas também nos aspectos políticos em nossa sociedade, interferindo diretamente em cargos representativos e/ou de lideranças. Na história, as mulheres eram/são “conhecidas” como menos importantes que os homens por serem consideradas o “sexo frágil” ou até mesmo incapazes de ocuparem o lugar de um homem na sociedade. A exclusão da mulher na vida política é um reflexo da exclusão da mulher na sociedade e na ausência de reconhecimento como sujeito, baseado em grande medida no predomínio da figura do homem, seja no aspecto social, político ou econômico (VAZ, 2008). Atualmente, é notória a inferioridade da participação feminina como autoridade nos cargos políticos em relação ao homem. Na política, nota-se a baixa participação das mulheres, e isso se deve ao fato de que o homem sendo um ser “público”, seu lugar na sociedade é nas lideranças, enquanto a mulher, é vista como submissa ao homem, assim, sempre é associada com o lar, família, filhos, se tornando um ser “particular”, um ser não notado pela sociedade. Essa exclusão é iniciada dentro de casa, onde geralmente possui uma ideologia patriarcal, em que os homens possuem o “Poder” do lar, enquanto a mulher possui as tarefas do lar. Assim, conforme Haraway: “Além do

trabalho assalariado, a divisão de trabalho por gênero incluía também as categorias de trabalho excluídas e não historicizadas em Marx e Engels” (HARAWAY, 2004, p. 228), como a criação dos filhos, os cuidados com velhos e doentes, a cozinha, além da prostituição.

Desta forma, a organização social patriarcal em torno da sociedade de classes impôs à mulher um determinado local na sociedade, muito distante das tomadas de decisões e do poder. De acordo com Sow (2010), foi através do movimento feminista que o conceito patriarcal, que condicionava a mulher ao cuidado doméstico, restrito ao lar e à procriação, foi questionado. E tal questionamento configura-se em momento fundamental para o desenvolvimento da cidadania brasileira.

O governo da atualidade, por possuir um percentual maior de homens do que de mulheres, pode ser considerado um governo de homens e para homens, onde as mulheres não possuem muita voz, e até mesmo nenhuma voz. A igualdade formal entre os homens e as mulheres tende a dissimular que, sendo as coisas em tudo iguais, as mulheres ocupam sempre as posições menos favorecidas. Por exemplo, sendo embora verdade que as mulheres estão cada vez mais representadas em funções públicas, são sempre as posições mais baixas e mais precárias que lhes são reservadas (BOURDIEU, 2010). E isto porque há a fala comum de que a avaliação de um candidato pelo eleitor deve se passar não pelo gênero (ou etnia), mas principalmente pela competência. No entanto, o discurso da “competência” esconde uma série de atributos masculinos, conforme Bourdieu, ao afirmar que:

Para chegar realmente a conseguir uma posição, uma mulher teria que possuir não só o que é explicitamente exigido pela descrição do cargo, como também todo um conjunto de atributos que os ocupantes masculinos atribuem

usualmente ao cargo, uma estatura física ou aptidões, como a agressividade, a segurança, a ‘distância em relação ao papel’, a autoridade dita natural, etc., para as quais os homens foram preparados e treinados tacitamente enquanto homens. (BOURDIEU, 2010, p. 78)

No mesmo sentido, Mota & Biroli (2014), ao analisar o gênero na eleição presidencial de 2010 também perceberam que:

As alternativas para as mulheres são adequar-se ao perfil “feminino” e desenvolver sua atuação política dentro dos limites do que é entendido como uma atuação “feminina” – o que pode ser feito estrategicamente – ou projetar sua ação e seu perfil para fora desses limites, o que por um lado pode lhes proporcionar um maior acesso às posições centrais, ao lançar-se para áreas e formas de atuação tidas como “masculinas”, mas por outro pode marcá-las negativamente, como “desviantes”. Em um e outro caso, os custos do “gênero” se impõem. (MOTA & BIROLI, 2014, p. 207)

Ou seja, o gênero é um importante quesito para a estratégia eleitoral, e a mulher candidata deve se posicionar estrategicamente em relação à sua condição feminina. Mas como a mulher candidata estabelece esta percepção? Embora nosso trabalho não tenha realizado essa questão de modo específico, é uma interessante questão, especialmente na seara local.

No município de Umuarama, esta situação não é diferente. Ao serem analisadas eleições anteriores, torna-se clara a pouca participação das mulheres no poder legislativo da cidade, observando dentre as três últimas eleições, obtivemos apenas uma mulher escolhida para o cargo de vereador, notando que durante a legislatura de 2012 a 2016 não havia nenhuma mulher neste cargo. No ano

2000, foram 183 candidatos, dos quais, 39 eram mulheres, ou seja, 21%; no ano 2004, tivemos 107 candidatos, sendo 24 mulheres (22%); no ano 2008, 113 se candidataram, com 21 mulheres (18%); finalmente, em 2012, foram 137 candidatos, sendo 40 mulheres candidatas (29%). Um dado curioso nas eleições de 2012 apontou que a primeira colocada entre as mulheres se encontrou no 30º lugar entre os outros candidatos, e invertendo este gráfico, e analisando os últimos 30 candidatos, se encontram dentre eles 21 mulheres, sendo então mais da metade das mulheres participantes.

No tocante ao pleito eleitoral de 2016, Umuarama teve 77.467 eleitores, sendo que deste total são aproximadamente 46,5% de homens, e 53,3% de mulheres. Nas estatísticas eleitorais chama a atenção o fato da maior parte do eleitorado ter o Ensino Fundamental incompleto, com 25,5%, e Ensino Fundamental completo com 8,47%. Analfabetos e pessoas que “leem e escrevem” somam aproximadamente 14%. Uma alta parcela do eleitorado umuaramense não tem o Ensino Médio Completo, com 22,56%, e completaram este grau de Ensino 18,11% do eleitorado. Eleitores com Ensino Superior somam 6,34%, e que ainda não completaram este grau de ensino perfazem 4,99% do eleitorado. Foram 05 candidatas a prefeito e 122 candidatos a vereador nesta eleição de 2016 (que disputaram 10 vagas na câmara local), sendo que 40 mulheres se candidataram (33%). As candidaturas de vereadores estão agrupadas nos seguintes grupos de coligação: 1) Aliança por Umuarama (PMDB /PDT / PR / PMB / PROS /PRB /PT do B /PSL /SD /PSDB); 2) Umuarama em boas mãos (PRP / PTB / PPL); 3) Honestidade para trabalhar (PPS /PSC /PSD /PHS); 3) Participação popular para acertar (PSB /PSDC /PTN); 4) Aliança por Umuarama (DEM / PTC); 5) Partido Verde, PV; 6) Partido dos Trabalhadores, PT; 7) Partido da Mobilização Nacional, PMN.

No resultado final da eleição, foram duas candidatas eleitas, fato inédito na cidade: Maria Ornelas (PTN) e Ana Novais (PPL) com respectivamente 1.621 e 889 votos da população de Umuarama. Importante mencionar que a câmara foi renovada em 80%, e não apenas em termos de pessoas, mas em termos de perfil. Na legislatura 2012-2016, todos os vereadores eram homens; 09 se consideravam brancos, 01 se considerava pardo. Metade dos vereadores possuíam Ensino Médio Completo; 04 possuíam Ensino Superior Completo e 01 possuía Ensino Superior incompleto. Da nova configuração, são 08 homens e 02 mulheres. São também dois pretos eleitos. A nova legislatura mantém um alto nível de escolaridade: são 07 eleitos com nível Superior Completo; 01 com Ensino Superior incompleto, 02 com Ensino Fundamental Completo (os dois candidatos eleitos pretos), o que pode indicar um desejo de mudança a respeito dos representantes locais, por parte da população. Mas e o que dizem as mulheres que foram candidatas?

Objetivos

O objetivo deste texto é investigar a percepção em relação às expectativas e perspectivas das candidatas a vereadora nas Eleições de 2016 acerca da participação feminina na política local do município de Umuarama, localizada no noroeste do Estado do Paraná.

Resultados

A fim de apresentarmos os resultados e discussões, é necessário expor, primeiramente, uma dificuldade que esta pesquisa enfrentou: o tempo exíguo para a realização das entrevistas, e as circunstância de ser realizado no contexto da eleição. Conforme a Resolução n. 23.450 do Tribunal Superior Eleitoral, no ano de 2016 o período de campanha foi reduzido para 45 dias (nos rádio e TVs a propaganda gratuita iniciou em 26 de agosto, com 37 dias anteriores à

eleição), o que significou atividades bastante intensas para os candidatos e candidatas. A ideia da pesquisa era também que as entrevistas acontecessem durante o período de campanha, para que as respostas também fossem de um grupo de identidade em comum, ou seja, de candidatas ao cargo de vereadora nas eleições municipais de 2016, e não a “candidata derrotada” ou a “candidata vitoriosa”, caso a entrevista acontecesse após a data das eleições. Claro que por se tratar de candidatas em campanha, é esperado que seu discurso seja amenizado, em termos de suas estratégias eleitorais, como discutimos acima. Desta forma, as entrevistas foram feitas também de forma anônima.

Optou-se por enviar a pesquisa por correio eletrônico e pelos contatos nas redes sociais das candidatas, em formulário da plataforma Google. Desta forma, de 40 candidatas obtivemos 11 respostas preenchidas, o que consideramos um bom retorno, devido às circunstâncias da pesquisa. O questionário continha duas partes: uma parte socioeconômica, e uma parte com perguntas abertas a respeito de sua percepção em relação à participação efetiva na política local umuaramense. Para os objetivos traçados para este artigo, faremos a exposição da segunda parte do questionário, de perguntas abertas, que foram as seguintes:

- 1- O que a levou a se candidatar para o cargo de vereador no município?
- 2- Em sua opinião, qual a importância da participação da mulher na política de Umuarama?
- 3- Em sua opinião, a participação da mulher na política umuaramense é baixa? (Resposta sim ou não).
- 4- Em caso de concordância com a afirmação anterior, quais fatores você considera que fazem com que a participação da mulher na política seja baixa?

Importante aqui mencionarmos

que das 11 candidatas que se dispuseram a responder o questionário, 09 estavam disputando sua primeira eleição. Em relação à filiação partidária, 04 candidatas estão filiadas há menos de 06 meses; 03 candidatas estão filiadas há um ano; 01 candidata está filiada há 2 anos; 01 há 4 anos; 01 há 08 anos e 01 há 19 anos. Ou seja, percebemos aqui que a maior parte das respostas veio de iniciantes na política, inclusive de militância partidária. Talvez aqui abra-se um novo campo de questionamentos: o resultado eleitoral das mulheres também pode estar condicionado à uma baixa participação na militância partidária? Ou ainda, quais os fatores que impedem a mulher de uma maior, ou mais constante militância política? Com relação à primeira pergunta, obtivemos as seguintes respostas:

Tabela 1 - O que a levou a se candidatar para o cargo de vereador no município?

1	A vontade de buscar a melhoria que necessita a população de nosso município e seus distritos
2	Ter a ser a oportunidade de fazer política de maneira diferente do que se vê.
3	Luta pelo direito da população
4	Fui convidada para preencher a cota de mulheres candidatas
5	A falta de representação feminina no Poder Legislativo e ser uma eterna inconformada com as coisas.
6	Vivo também pelas mesmas situações da população resolvi me dispor a lutar pelo povo porque ficar em casa só reclamando não adianta a resolver nada
7	Mudança
8	Me sinto apta para lutar pelas causas sociais do município
9	Ajudar o povo
10	Por que acho que a mulher precisa mostrar o seu valor.
11	Procurar melhorar o distrito que moro (Santa Eliza).

Fonte: os autores.

Percebemos que boa parte das respostas constituem o discurso político em época de campanha: ajudar o povo e

os necessitados, lutar pelos direitos, fazer política de modo diferente, mudança. Interessante que a resposta 04 nos diz diretamente que foi convidada a preencher a cota partidária. As respostas 05 e 10 mostram que são candidatas preocupadas com a participação feminina na política, ou seja, que a questão de gênero é minoritária, mas que está presente em algumas candidatas. Vejamos o resultado da próxima pergunta:

Tabela 2 - Em sua opinião, qual a importância da participação da mulher na política de Umuarama?

1	É de imensa importância, já que os ideais de uma mulher diferem em determinados aspectos dos ideais masculinos, desde o método de pensar até a forma de agir
2	Muito importante, pois a mulher não tem representação na Câmara Municipal, de modo que suas contribuições não são ouvidas nas decisões políticas nos últimos anos.
3	Pelo afeto materno a mulher tem mais visão geral da humanidade a mulher enxerga com o coração
4	Pela igualdade em relação aos homens
5	De fundamental importância, tendo em vista que a mulher tem o lado mais humano, mais coração e consegue fazer várias coisas ao mesmo tempo.
6	É fundamental porque nos mulheres agimos mais com coração e amor no que fazemos é não. Por interesse
7	Importantíssima
8	A mulher tem mais audácia, mais cautela, mais sensibilidade
9	Ver a necessidade do povo umuaramense
10	Acho muito importante para demonstrar a nossa importância dentro da sociedade umuaramense.
11	Melhorar a Câmara que sempre estão os mesmos candidatos e não procuram melhorar a situação política, partidária e como são trabalhados os votos dos que são eleitos, pois falta pessoas honestas e talvez a mulher que é mais sensível possa fazer a diferença na política e na câmara.

Fonte: os autores.

Podemos perceber que a importância da mulher na política local está vinculada à noção de senso comum de que a mulher é mais sentimental, que a mulher pensa e age diferente do homem, que a mulher não age por interesse e sim por emoção ou pelo coração, a mulher é mais honesta, e também porque a mulher consegue fazer mais coisas ao mesmo tempo, ou até mesma pela igualdade em relação aos homens. É interessante que a questão da representatividade feminina apareça em poucas respostas, como a resposta 02: se a mulher não tem representante na câmara, ela não é ouvida, como ocorreu nas legislaturas sem representação. A resposta 10 ressalta a importância da mulher em cargos de poder junto à cidade e à comunidade de Umuarama. Vemos também que são respostas minoritárias, mas que aparecem no discurso das candidatas.

A terceira pergunta admitia apenas as respostas SIM ou NÃO para a pergunta: Em sua opinião, a participação da mulher na política umuaramense é baixa? Neste quesito, todas consideraram que SIM, a participação feminina na política (e não apenas na câmara) é baixa. E consideremos aqui que das 11 respostas estão tanto mulheres iniciantes, como experientes na política local. A próxima pergunta, aproveitando desta resposta é a seguinte:

Tabela 4 - Em caso de concordância com a afirmação anterior, quais fatores você considera que fazem com que a participação da mulher na política seja baixa?

1	A presença de conservadores na sociedade e no atual cenário político, que passam uma imagem de que o sexo feminino não é capacitado à política
2	Falta de boas candidatas (muitas se candidatam p cumprir a legislação) e falta de investimentos e organização das campanhas a fim de competir de igual p igual com as dos homens.
3	Acho que a baixa que a população não abriu o olho que a mulher tem mais capacidade luta mais pelo povo

4	Pela falta de interesse das próprias mulheres
5	Falta de coragem, falta de disponibilidade, falta de interesse já que a política para a maioria não é agradável e deixou um desgaste muito grande no país.
6	Muita falta de informação para com as mulheres da cidade sobre política e Falta de interesse também da maioria em saber mais sobre o assunto
7	Não é levada a sério na sua capacidade
8	falta de Reconhecimento
9	Pessoas acreditam q a mulher não tenha a mesma capacidade em fazer a política pois na realidade não e fazer política e sim ver as necessidade do povo e de Umuarama
10	A participação da mulher na política está muito aquém do nosso número na sociedade, isso por que as próprias mulheres não dão apoio para esta participação, me parece que não acreditam nelas mesmas e muito menos em outras mulheres para resolver os problemas políticos. As mulheres não sabem a força que tem! Outro motivo é machismo que impera em nossa sociedade, muitos homens não acreditam que as mulheres entendam de política, pois acham que isso é coisa de homens! Tudo isso acaba desestimulando a participação das mulheres na política.
11	Os que estão lá, entram porque compram votos e são sempre eleitos, aqui mesmo tendo candidatos os eleitores votam em pessoas de fora, falta honestidade tanto da parte dos políticos como dos eleitores.

Fonte: os autores.

Observamos aqui que há muito presente o discurso que a sociedade não entendeu ou percebeu a capacidade da mulher, ou que a mulher não percebeu as suas capacidades, e por isso não participa da política. Mas temos também a presença de algumas respostas interessantes, como a 02: além de muitas candidatas apenas cumprirem a cota partidária, o próprio partido ou coligação não investe na candidata porque não acredita nela. A resposta 06 demonstra que há falta de informações e falta de interesse para com a participação feminina. A resposta 10 traz o elemento do machismo presente na

sociedade, especialmente em Umuarama, e, em tom de desabafo nos informa que “muitos homens não acreditam que as mulheres entendam de política, pois acham que isso é coisa de homens!” o que gera desestimulação nas mulheres do município Ou seja, a política local é um ambiente hostil para a mulher. A resposta 11 nos informa que o jogo político de “compra” de votos (ou talvez até o clientelismo por parte dos políticos de longa carreira) impede que outros candidatos consigam se estabelecer na política local, principalmente as mulheres.

Considerações Finais

A participação da mulher na política, tanto nos níveis federal, estadual e municipal ou local ainda repousa em belos ideais que possuem fortes obstáculos tanto na sociedade, quanto na organização política brasileira. Tais obstáculos são desestimulantes e até mesmo hostis para a mulher que queira participar de uma eleição.

As condições que levam uma mulher a se candidatar na política local são várias, mas a questão da ajuda e do auxílio à comunidade é preponderante. As candidatas não falam da mulher especificamente, mas à sociedade como um todo. Por um lado, pode ser o lugar-comum do discurso político, mas pode ser também a precarização a que está submetido o aparelho estatal brasileiro, de modo generalizado. As candidatas também entendem que a participação feminina na política pois as diferenças observadas na mulher em relação ao homem (ser mais sensível, emotiva, honesta, maternal, etc.) deveriam ser privilegiadas pelo eleitor, pelo bem da comunidade. Ou seja, a percepção que a mulher é um “outro” na sociedade formada pelo patriarcalismo brasileiro, e não que comunga de uma mesma situação e destino histórico que o restante da sociedade (os homens) entra em conflito com os motivos para ser vereadora.

Assim, a participação da mulher

na política é considerada baixa por culpa da própria mulher que não se interesse, ou porque esta participação está tão obstaculizada que coloca impeditivos imensos para a mulher. Podemos perceber que em Umuarama não ficou presente a questão do machismo ou da objetificação nas falas das candidatas, exceto por uma única resposta. No entanto, há a percepção generalizada que a mulher não é valorizada em sua condição feminina nesta cidade. Podemos inclusive pensar a questão do nepotismo, onde a mulher tem uma certa facilidade na política conforme ela tenha uma família de tradicional peso político (especialmente entre os homens). Como em Umuarama não há a presença de mulheres nesta situação, isto não foi levantado em nossa pesquisa.

Pudemos perceber também a falta de projetos locais de valorização da mulher e da promoção de consciência política entre as mulheres. Podemos aqui dizer que falta de educação política é um problema grave de nossa cidadania, de modo generalizado. Em um país onde a educação básica ainda é um grave problema social, a formação para a cidadania e para a vida política acaba sendo prejudicado, e por tais motivos, a participação feminina ainda possui os grilhões do passado, refletindo nas

eleições, a hostilidade social a que a mulher brasileira está diariamente submetida.

Referências

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HARAWAY, D. **“Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra**. Cadernos Pagu (22) 2004: pp.201-246. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a09.pdf>.

Acesso em 24 de nov. 2016.

MOTA, F. & BIROLI, F. **O gênero na política: a construção do “feminino” nas eleições presidenciais de 2010**. Cadernos Pagu (43), jul-dez 2014. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n43/0104-8333-cpa-43-0197.pdf>. Acesso em 24 de nov. 2016.

SOW, M. **A participação feminina na construção de um parlamento democrático**.

Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação. Centro de formação, treinamento e aperfeiçoamento da Câmara dos Deputados.

Disponível em <http://bd.camara.gov.br>.

Acessado em 25/09/2016.

VAZ, G. **A participação da mulher na política brasileira: a lei de cotas**. Monografia

apresentada para o curso de Especialização em Processo Legislativo. Câmara dos Deputados. 65fl. 2008. Disponível em

<http://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/58>

13. Acesso em 20 de out. 2016.